

# O “estranho encontro” entre o fantasma de Wilfred Bion e a alma de Wilfred Owen

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

Revista Brasileira de Psicanálise  
volume 49, n.2, p. 49-62 · 2015

## Resumo

O disparador deste artigo foi o poema “Strange meeting”, de Wilfred Owen – considerado o maior poeta inglês da Primeira Guerra Mundial –, que relata de forma dramática o “estranho encontro”, no Inferno, de dois soldados. Adotando os conceitos de *consternação* e *verdade* como símbolos de sua cruzada, o poeta, em seu curto tempo de vida, dedicou-se a expressar sua indignação com a futilidade da guerra. Algo parecido ocorreu com o psicanalista Wilfred Bion, que, como sabemos, relatou o aprendizado emocional auferido na guerra em suas autobiografias, em especial a sensação de ter virado um fantasma assombrado pela culpa de não ter morrido como a maioria de seus companheiros. Neste texto, parodiando o poema, imagina-se um encontro entre o fantasma de Bion e a alma de Owen.

## Palavras-chave

consternação; verdade; futilidade da guerra; estranho encontro.

LUIZ CARLOS UCHÔA JUNQUEIRA FILHO  
é membro efetivo da Sociedade  
Brasileira de Psicanálise de São  
Paulo (SBPSP).

Pálidos flocos, num tatear furtivo, vão  
sentindo nossas faces –  
Nos retraímos em buracos, retomando  
sonhos esquecidos, e encaramos,  
aturdidos – pela – neve,  
As trincheiras arrelvadas em  
profundidade. E assim, cochilamos,  
embalados pelo sol,  
Confusos com florescências gotejando  
importunadas pelo melro.  
Será que estamos morrendo?  
("Revelação", Wilfred Owen)<sup>1</sup>

## 1. Idealismos juvenis

**M**eu nome é Wilfred Ruprecht Bion. Nasci em 1897, em Mutra, na Índia, para onde meu pai foi enviado como engenheiro nos estertores do Império Britânico. Consta, aliás, que minha mãe tinha sangue meio indiano, mas minha principal referência até os meus 8 anos foi minha Aya, minha “mãe indiana”, que me amamentou recitando versos do *Bhagavad Gita*. Alguns estudiosos a consideram minha primeira musa, seguida por minha analista, Melanie Klein, e finalmente por Rosemary, uma personagem ficcional que criei para representar o destemor intuitivo do espírito feminino.

Aos 8 anos, fui enviado para a Inglaterra como interno do Bishop's Stortford College, uma experiência que me mergulhou numa profunda solidão, mas, parodiando Milton, eu estava “sozinho, mas não solitário”. Meu grande companheiro foi meu próprio *self*,

amigo de todas as horas, que me ajudou a sobreviver num ambiente eivado de glórias coloniais, ortodoxia religiosa e disputas escolares. Sempre fui tímido e reservado, qualidade que muitos encaram como sinônimo de ser franzino, instável e precário, mas que eu considero ser a qualidade mais rija, robusta e sustentável que possuo. Logo, porém, descobri outro aliado, minha compleição física robusta, que não só impunha certa autoridade, mas também me trazia vantagens nas competições esportivas. Mal sabia eu, então, que essas competições, historicamente, sempre estiveram na raiz das guerras, como exposto com brilhantismo por Johan Hui-zinga em seu famoso *Homo ludens*.

Em 1915, saído da escola sem maiores perspectivas futuras, acho que fui influenciado pela propaganda patriótica orquestrada pelo ministro da Guerra Lloyd George e instrumentalizada pelo pôster com estampa da figura imperial de Lord Kitchener, com seus bigodes apocalípticos, seu dedo acusador e seu olhar mesmerizante me convocando para a guerra em curso. Confesso também que me impressionei com a poesia ufanista de Rupert Brooke, que incitava os jovens a responder céleres ao chamamento do famoso pôster: “Britons, join your country's arm!”

Poucos sabem, mas eu me apresentei como voluntário, e, para minha imensa decepção, fui recusado sem até hoje saber por quê. Mas meu orgulho ferido levou-me a aceitar a interferência de um amigo de meu pai, Mr. Marsh, e assim, em 4 de

janeiro de 1916, fui aceito como um membro do Royal Tank Corps. Eu estava encantado com a perspectiva de penetrar o segredo desses “tratores de lagarta” inventados pela engenharia bélica britânica, cujo protótipo, em função de seu formato e função, correu o risco de ser denominado de “continente”, “receptáculo”, “reservatório” ou “cisterna”. Chegado ao acampamento de Bovington, eu me deparei com “aquela forma mecânica bizarra, imobilizada e imobilizadora, tão assustadora como a armadilha primitiva usada para capturar tigres na Índia” (Bion, 1982, p. 115), como registrei em meu diário.

O predomínio, em 1915, da guerra de trincheiras, investiu os tanques da missão de funcionar como ponta de lança dos avanços da infantaria, esmagando as barreiras de arame farpado e abalroando os postos avançados de metralhadora. Logo, porém, ficaram patentes as limitações deste “Velho Ictiossauro”, um dos muitos epítetos irônicos pelos quais a imprensa da época passou a denominar a estrambótica novidade: lentidão no deslocamento, dificuldades na manobra, facilidade para atolar e problemas na reposição de peças. Rápido percebi que tinha em mãos um brinquedo perigoso, em função de sua facilidade em atrair o fogo inimigo, colocando sua tripulação de oito homens no interior de uma fornalha prestes a explodir. Como comandante, posto que eu logo alcancei, fui tomado pelo pesadelo de cair ferido e ser esmagado pelo tanque, já que, neste posto, era obrigado a permanecer do lado de fora.

Durante algum tempo, alimentei-me de ilusões: como membro da “brigada dos carolas”, eu achava que a *Bíblia* poderia me proteger dos tiros; como filho de meu pai, sempre me lembrava de seu conselho de que “numa guerra justa... devemos lutar com mãos limpas!” (Bion, 1982, 109). No começo, estávamos no reino do faz de conta: um bando de escolares se fingindo de soldados, ensaiando para a coisa concreta e achando que a guerra era algo normal, e não um desastre aberrante.

\* \* \*

Meu nome é Wilfred Edward Salter Owen, nascido em 18 de março de 1893, em Weston Lane, condado de Shropshire, e, apesar de meu pai ser um ferroviário, meu avô Edward Shaw era abastado e nos ajudou. Minha mãe, sendo uma fervorosa evangélica, me incutiu suas crenças, mas ao redor de 1904, durante umas férias que passei em Cheshire, eu descobri minha própria crença, a poesia, a partir dos poetas românticos ingleses, em especial John Keats. Consegui o cargo de assistente do vigário de Dunsden e logo me desiludi com a Igreja, tanto pela rigidez de suas cerimônias quanto por sua incapacidade em realmente ajudar aos necessitados.

Em 1912, consegui ensinar inglês e francês na escola Berlitz, de Bordeaux, onde encontrei o poeta Laurent Tailhade, que reforçou minha veia poética. Em 1915, talvez influenciado pela onda do momento, resolvi me alistar no Artist’s Rifles Officer’s Training Corps, com o desejo secreto de poder desenvolver uma poesia que

expressasse com vigor a consternação sobre os horrores da guerra.

Minha produção poética foi imediata e frenética, de modo que, em maio de 1918, já tendo produzido um número considerável de poemas de guerra, resolvi publicá-los, e, para tanto, redigi o seguinte prefácio:

Este livro não é sobre heróis. A poesia inglesa ainda não está preparada para falar deles.

Ele também não é sobre façanhas, domínios, nem qualquer coisa sobre glória, honra, poder, ou força, mas sim de Guerra.

Antes de mais nada, não estou focado na Poesia.

Meu assunto é a Guerra, e a consternação sobre a Guerra.

A Poesia está embutida na consternação. (Bion, 1933, apud Wikiquote).

No entanto, para nossa geração, estas elegias não são de modo algum consoladoras. Talvez sejam para a próxima. Tudo o que o poeta pode fazer hoje é advertir: é por isso que o poeta precisa ser verdadeiro.

Com isso, passei a renegar a retórica desgastada do georgianismo vigente e concentrei meu interesse na compaixão [*pity*], entendida não como um sentimento de lástima, mas sim de simpatia, um *Ein-fühlung*, ou seja, uma imersão na condição do sofredor.

Após entrar em ação, sofri uma concussão ao cair numa cratera e fui jogado para o alto, devido à explosão de um morteiro. Diagnosticado com “trauma de guerra”, fui enviado ao Hospital Militar de Craiglockhart, onde o Dr. Arthur Brock, um entusiasmado *avant la lettre* pela psicanálise

freudiana, me sugeriu relatar poeticamente minhas experiências traumáticas revividas em sonho. Encontrei-me ali também com o grande poeta Siegfried Sassoon, com quem desenvolvi uma intensa relação homoafetiva em função do grande incentivo conferido à minha poesia. Em julho de 1918, mesmo autorizado a permanecer na retaguarda, voltei à ativa na França para continuar minha cruzada contra a estupidez da guerra (Sassoon me ameaçara de esfaquear minha perna para impedir esta loucura).

## 2. O sofrimento emocional com a experiência de guerra

Minha experiência na guerra foi tão horrível que não consegui enviar cartas a meus pais: por isso, ao término da guerra, já em Oxford para estudar História Moderna, resolvi fazer um “diário *post-mortem*” para tentar exorcizar meus fantasmas. Eis alguns dos depoimentos que registrei ali:

A solidão era intensa: ainda sinto a minha pele esticada sobre os ossos da minha face como se fosse a máscara de um cadáver. O medo de ter medo invadia a todos, tanto oficiais quanto soldados. (Bion, 1997, p. 204).

Será que uma bomba podia cair a meu lado, ou em cima de mim? É claro que sim: então, parei de pensar naquilo, refugiando-me instintivamente num vazio mental [*mindlessness*]. (Bion, 1982, p. 103).

Sentindo minha face vertendo um suor gorduroso, levantei minha mão para limpá-lo: [...] notei que minhas mãos estavam cobertas de sangue [...] Instantaneamente o interior do tanque virou um inferno. [...] uma explosão na traseira do tanque nos sacudiu. O tanque parou [...] “Todo mundo pra fora! Fugam atirando enquanto corre-mos em direção à trincheira!” [...] O inimigo deve ter se surpreendido tanto quanto nós: nós oito chegamos a salvo dentro de um compartimento da trincheira inimiga. [...] Quando olhei para trás, vi que o tanque apresentava um buraco de bomba no lugar antes ocupado pelas peças traseiras garantidoras da direção no lado direito; isto o imobilizou, mas a destruição das engrenagens impediu que noventa galões de combustível se inflamassem. Foi assim que nos vimos instalados no ponto forte do inimigo, ocupando um pequeno setor de trincheira num verdadeiro forte. (Bion, 1982, pp. 162-163).

Estava uma tarde gloriosa. Maravilhosa: perfeita para uma batalha. [...] O solo também estava perfeito para os tanques: sem lama, como em Cambrai. Em realidade, um deles estava na minha frente: queimando, queimando ferozmente. A cada instante ele parecia soluçar com indigestão à medida que uma nova leva de bombas explodia. [...] Para fora da porta, três corpos carbonizados pendiam como se fossem intestinos eviscerados. Eu sabia tratar-se do tanque de Corkran: assim, fora-se o último

componente da minha tripulação original que se incorporara ao batalhão. (Bion, 1982, p. 251).

Mas uma guerra não é feita só de suor e lágrimas: ali nos confrontamos também com o capítulo surreal das condecorações, a hipocrisia da “Grã”-Bretanha (a Puta Velha), que envia seus jovens para morrer e, sem cerimônia, os agracia com símbolos de heroísmo para serem exibidos publicamente, gerando, às vezes, admiração e, muitas outras, inveja. Ao longo da guerra, participei de alguns episódios não necessariamente em função de minha coragem, mas também com a ajuda da sorte ou do acaso. Achei ridículo quando o major Gatehouse, que já pretendia me indicar para a Military Cross, recebeu um informe da 51.<sup>a</sup> Divisão me indicando para a Victoria Cross, de maior expressão. O pior de tudo seria me confrontar com a tripulação de meu tanque: eles tinham passado por tudo junto comigo e não iam ganhar nada?

Mas quanto mais eu tentava esconder publicamente as condecorações, mais elas me perseguiram: até o final da guerra, ainda recebi a D.S.O. (Distinguished Service Order) e a Legion d’Honneur. No fundo, no entanto, eu sabia que a diferença entre ser encaminhado para a Corte Marcial ou para o Batismo de Herói dependia do lado que escolhemos para sair correndo.

\* \* \*

Quando entrei em ação já tinha produzido um poema, “Incapacitado”, cujo personagem principal, ao alistar-se, “pensava

em empunhaduras engalardadas / para adagas, com estojos escoceses, em saudações brilhantes / e vigília de armas, nas folgas e no recebimento de atrasados”, e já se considerava “recrutado com tambores e vivas” (Owen, apud Montezanti, Zamuner, Featherston & Datko, n.d., p. 59).

Como contraponto a essa visão romântica, após minha participação na Batalha de Arras, em abril de 1917, meu testemunho mudou radicalmente, a ponto de escrever numa carta:

Sofri sete infernos. Fizemos uma marcha de três milhas sobre um caminho minado e, mais tarde, cerca de três milhas numa trincheira inundada. Depois, chegamos a um lugar onde as trincheiras tinham sido explodidas e tivemos que caminhar a descoberto. Estava muito escuro, o barro não era só escorregadio, mas um verdadeiro polvo absorvente de argila: alguns homens se afogavam ali. Muitos se atolaram no barro e só conseguiram levantar deixando suas mochilas, equipamentos ou a própria roupa. Cada um de nós três quartos morto, conseguimos chegar à trincheira. (Owen, apud Montezanti et al, n.d., pp. 59-60).

Ou então:

Suponho que possa suportar o frio, a fadiga e o estar cara a cara com a morte tão bem quanto qualquer outro, mas, para mim, há algo extra: a extensão universal da fealdade. Paisagens horríveis, ruídos vis, linguagem obscena, inclusive em nossa própria boca; a deformação dos mortos, cujos corpos impossíveis de enterrar ficam fora das covas todo

o dia, toda a noite, e oferecem as mais execráveis visões sobre a Terra. (Owen, apud Montezanti et al, n.d., pp. 59-60).

Logo, minhas poesias se embeberam de consternação e revolta, como exemplificado nestas passagens de “Insensibilidade”:

Felizes aqueles que, ainda antes de serem mortos,  
Permitiram que suas veias se enregelassem  
...  
E alguns perderam a sensibilidade  
A si próprios ou para si próprios.  
O embotamento administra melhor  
O aborrecimento e a dúvida dos bombardeios  
...  
Felizes aqueles que perderam a imaginação:  
Se contentam em carregar munição  
...  
Tendo visto o vermelho em todas as coisas,  
Seus olhos se livram para sempre  
De se cegarem com a cor do sangue. (Owen, 2009, pp. 30-31).

### 3. Matar e morrer

Escrevi dois livros em que relato minhas experiências na Primeira Guerra Mundial. O segundo, com o título de *War memoirs*, foi publicado em 1997, graças à diligência de minha viúva Francesca: pois é, eu estava esquecendo de contar que eu morri (pela segunda vez) em 1979, recém-chegado à

Inglaterra, da qual eu me afastara desde 1968 em direção a Los Angeles, onde eu esperava encontrar maior liberdade intelectual para expandir minhas teorias psicanalíticas. Na Inglaterra, eu estava ou sendo entulhado de honrarias (como na guerra), ou atacado como um excêntrico à beira da loucura. Mas uma leucemia mieloide aguda, diagnosticada em 1.º de novembro, acabou comigo em uma semana, apesar de eu já ter certa experiência no assunto: eu já “morrera” em 8 de agosto de 1918, após a Batalha de Amiens, pressentindo que a guerra estava acabando e que eu, ao contrário da maioria dos oficiais meus colegas e de meus subordinados, sobrevivera entupido de culpa. Em meu lugar, passei a conviver com meu fantasma, o qual, para minha consternação, me acompanhou pelos próximos 61 anos. No primeiro volume de minha autobiografia, publicado em 1982, ainda graças a Francesca, eu emiti meu juízo final acerca desse incômodo visitante: “Estes velhos fantasmas nunca morrem. Eles nem chegam a perder o viço, mas preservam maravilhosamente a sua juventude.” (Bion, 1982, p. 264).

Neste segundo livro, escrito em plena maturidade, quando eu já era um psicanalista conhecido e por muitos admirado, pude descrever com mais detalhes os pesadelos que a guerra me causou. Um dos mais dramáticos ocorreu com meu estafeta Sweeting: juntos, tentávamos escapar do bombardeio na estrada de Amiens-Roye e de repente nos precipitamos para dentro de

uma cratera escavada por uma bomba. Percebi que Sweeting tentava dizer algo: “Capitão! Capitão, por que não consigo tossir?” Eu olhei para o seu tórax e notei que o lado esquerdo tinha sido arrancado e seus lábios mal murmuravam: “Minha mãe... mãe... mãe!” Exausto e irritado, não hesitei em mentir: “Sweeting, logo uns padioleiros virão te pegar!” Ele, num último esforço me fez um pedido dramático: “O senhor escreve para minha mãe... O endereço dela...?” (Bion, 1982, pp. 248-249). Foi demais: interiormente eu só consegui mandá-lo à merda! Então, acho que ele morreu... Ou talvez, eu é que tinha morrido... Sweeting morreu sem saber quem o matou, mas eu sabia que a morte dele me matara...

\* \* \*

Eu fui agraciado com a Military Cross por uma ação em 1.º de outubro de 1918, por mim comandada, perto da vila de Joncourt, visando tomar de assalto vários postos de resistência do inimigo. Infelizmente, minha condecoração foi expedida só em 30 de julho de 1919 e eu não pude recebê-la, pois já morrera em 4 de novembro de 1918, uma semana antes do Armistício, tentando cruzar o canal de Sambre-Oise. Mas a citação que me condecorou menciona meu notável heroísmo quando capturei uma metralhadora do inimigo, infligindo a ele pesadas perdas. Triste sina a minha: matei seres anônimos, mas em compensação também não sei quem me matou.

Ao escrever uma “Elegia para uma juventude condenada”, acho que estava pré-monitorando minha morte:

Que tipo de dobre de Finados para os que morrem como gado?

Só a raiva monstruosa das armas,  
Só o rápido matraquear tartamudeante dos fuzis  
Pode apressar maquinalmente suas açodadas orações. (Owenm 2009, p. 22).

#### 4. “Estranho encontro”: uma ode ao soldado (des-)desconhecido

Minha morte prematura (?) não só reduziu minha produção poética, mas também atrapalhou a sua divulgação. Felizmente, ainda em vida, pude contar com padrinhos de peso, como Tailhade e Sassoon, e, após a minha morte, com vários antologistas e críticos que reconheceram o caráter inovador de minha poesia centrada em pararrimas, ou seja, nas assonâncias e aliterações. Aos interessados, recomendo a edição *The complete poems and fragments* (1984), por Jon Stallworthy. Lá, poderão achar aquela que é considerada minha obra-prima, um encontro no Inferno entre dois curiosos personagens; sei que, na tradição judaico-cristã, isto já ocorrera na *Bíblia* através de São Paulo, em Virgílio através de Eneias, e, claro, na *Divina comédia*, de Dante. Alguns críticos sugerem também que eu tenha me inspirado em *A revolta do Islã*, de Shelley (canto v, XIII), em que a primeira pessoa desperta entre “amigos e inimigos”:

E um, cuja lança me trespassara, inclinou-se ao lado,  
Com lábios trêmulos e olhos úmidos – e todos se

Pareciam como alguns irmãos que partiram em Extensa viagem, e que agora participaram de um estranho encontro

Numa terra estranha, com outro a quem poderiam chamar de

Amigo, chefe, pai, em função da demonstração de

Perigo, que os salvara da escravidão da

Morte, agora sofrida. Assim, a vasta disposição

Daquelas mãos fraternais se reconciliaram naquele dia. (Shelley, apud Owen et al., n.d., p. 191).

Gostaria, agora, de apresentar-lhes o meu “Strange meeting”:

Era como se eu tivesse escapado da batalha  
Me afundando num túnel profundo e sombrio, há tempos escavado

Através de granitos que guerras titânicas tinham abobadado.

Agora, ali também, pessoas empilhadas gemiam adormecidas,

Demasiadamente imersas no pensamento ou na morte para serem perturbadas.

Então, quando eu as provoquei, uma se levantou, encarando-me

E estampando um reconhecimento piedoso nos olhos insistentes,

Levantando mãos aflitas ansiosas por abençoar.

E por seu sorriso, reconheci aquele espaço tenebroso

Por seu sorriso sem vida, percebi que estávamos no Inferno.

A visão daquela face granulou-se de dores mil;



E, no entanto, nenhum sangue ali chegava  
alçando-se do solo,  
Nem as armas ribombavam, ou gemiam as  
fornalhas soterradas.

“Estranho amigo”, eu disse, “aqui não há  
razão para condoer-se.”

“Nenhuma”, retrucou o outro, “salvo os  
anos perdidos,

E a desesperança. Qualquer que fosse sua  
esperança,

Isto era parte de minha vida; me lancei a  
uma caça selvagem

Em busca da beleza mais indômita do mundo,  
Que não repousa em olhos calmos, ou em  
cabelos engalanados,

Mas que zomba da passagem inexorável do  
tempo,

E que, se ela se aflige, se aflige mais exube-  
rantemente que aqui.

Pois muitos homens poderiam ter rido de  
minha alegria,

E de meu pranto um legado poderia emergir,  
Que agora teria que morrer. Refiro-me à ver-  
dade calada,

O compadecer-se da guerra, o destilar da  
guerra compadecida.

Agora os homens ficarão contentes com  
aquilo que anunciamos,

Ou, descontentes, ferverão sangrentos e se  
derramarão.

Tornar-se-ão espertos, envoltos na esperteza  
da tigresa.

Ninguém cometerá transgressões, mesmo  
que as nações recuem do progresso.

Possuidor de coragem, ganhei mistério,

Possuidor de sabedoria, ganhei maestria;  
Para perder a marcha deste mundo em  
retirada

Em direção a vãs cidadelas em muralhas.

Então, quando o sangue for suficiente para  
emperrar as rodas de seus carros de guerra

Levantar-me-ei para lavá-las com a ajuda de  
doces poços,

Inclusive com verdades imaculadas de tão  
profundas.

Eu teria deixado meu espírito extravasar  
generosamente

Mas não através de feridas; não pelo fim da  
guerra.

As frentes dos homens sangraram de onde  
feridas não havia.

*Meu amigo: eu sou o inimigo que você matou.*

Eu lhe reconheci nesta escuridão; foi esta  
mesma expressão sombria

Que ontem me trespassou enquanto você  
me apunhalava e matava.

Tentei me defender, mas minhas mãos esta-  
vam frágeis e frias.

Mas, agora, durmamos...” (Owen, 2009,  
pp. 32-33).

## 5. O “estranho encontro” entre o fantasma de Wilfred Bion e a alma de Wilfred Owen

FANTASMA: Caro amigo, eu sou aquele que,  
em vida, não lhe conheci em função  
de um “estranho desencontro”. Senão,  
vejamos: pertencíamos à mesma nacio-  
nalidade, fomos contemporâneos na  
mesma guerra, de onde emergimos  
como heróis e com o espírito esmagado,  
e, *last but not least*, compartilhamos o

mesmo santo padroeiro, S. Wilfred de Hexham.

ALMA: Eu também lamento nunca ter encontrado em sua extensa obra qualquer menção à minha poesia, bem você que citava extensamente os poetas e que, inclusive, chegou a iniciar a feitura de uma antologia poética para psicanalistas. É verdade que você, sua esposa Francesca e sua filha Parthenope chegaram a evocar meu grande patrono, Siegfried Sassoon, cuja poesia os críticos lisonjeiramente colocam num patamar abaixo da minha.

FANTASMA: Felizmente, “não há bem que nunca termine, nem omissão que nunca acabe” e, tão logo aqui chegado, fui informado de sua preexistência e pude saciar minha curiosidade com uma leitura em diagonal de sua não tão extensa, mas preciosa, obra.

ALMA: Modestamente, acho que você vai gostar dela. Em primeiro lugar, influenciado pelo realismo de Sassoon, passei a adotar o “escrever a partir da experiência” pregado por ele, que casa magnificamente com o seu tão propalado “aprender com a experiência”, seu conceito quanto à espinha dorsal do desenvolvimento emocional. Depois, talvez, influenciado por Keats, como você, coloquei a consternação [*pity*] e a verdade [*truth*] como símbolos centrais de minha bandeira.

FANTASMA: De fato, eu reputo o contato com a verdade como fundamental para a saúde psíquica, tanto quanto a estética da sua administração: ela precisa ser administrada em doses homeopáticas

e ninguém fazia isto melhor do que Keats. Por isso, seu aforismo: “A verdade é bela e a beleza, verdadeira.”

ALMA: Eu fico me perguntando como me deixei entregar à “extensão universal da fealdade”, na qual uma guerra nos mergulha. É duro admitir, mas acho que fiquei fascinado com a frase edulcorada da ode de Horácio: “É doce e decente morrer pela Pátria”. Você foi mais feliz na escolha de outra ode dele, na qual são lamentados aqueles heróis que não tiveram a sorte de Agamenon de encontrar um poeta para cantar suas glórias.

FANTASMA: Pensando bem, eu entrei nessa fria pela influência decisiva de três personagens que me levaram ao alistamento: meu pai, com suas aspirações patrióticas; Lord Kitchener, com sua convocação intimidatória; e o exemplo carismático de John Nicholson, o general de brigada que, em 1857, controlou a sedição do Indian Mutiny. Um condensado destas figuras supergoicas ficou encarnado na imagem de uma ave gigantesca de asas negras, o Arf Arfer, que passou a povoar meus pesadelos.

ALMA: Num de meus primeiros poemas, precisei cantar a sina dos jovens soldados condenados a morrer inocentes em favor da Inglaterra, uma Terra de Ninguém que, soterrada pela neve, é como a casa da lua, caótica, dominada por crateras, inabitável, horrível, uma mansão da loucura. Você, na esteira de sua

“linguagem certa”, foi mais lacônico chamando-a de aquela “Putá Velha”.

FANTASMA: É verdade. Apesar de a linguagem ter suas limitações, equiparadas por T.S. Eliot a um “pecado natural”, nós psicanalistas não podemos prescindir dela e, por isso, temos de escolher as palavras com precisão. Aliás, numa rápida avaliação, constatei que nossos léxicos incluem várias palavras em comum: embotamento, insensibilidade, destruição, futilidade, consternação, pesadelo, sombras purgatoriais, lufadas enlouquecidas, e assim por diante.

ALMA: Então, mesmo sem ter qualquer conhecimento sobre psicanálise, minha impressão é que a expressividade poética, com seus ritmos, harmonias, com suas metáforas e metonímias, é muito próxima das intervenções requeridas de um psicanalista. Eu sempre me deparei com o dilema de tentar entender quando é que a imagem esgota sua expressividade e, com certa irritação, tenta apelar à palavra. Quem mais me ajudou nesta questão foi Keats, com seu conceito de “capacidade negativa”.

FANTASMA: Eu sou fã deste conceito e de sua contraparte, que descobri em minha clínica: a “curiosidade intrusiva”. Eu estendi também a ideia da negatividade para os vínculos básicos de Amor, Ódio e Conhecimento: por menos Amor, entende-se algo próximo do narcisismo; por menos Ódio, algo

próximo da hipocrisia; e por menos, Conhecimento, algo próximo da onipotência. Mas eu acho que nada disso importa muito numa guerra; ali, é preciso reconhecer que o terror é a origem primordial da mente, como já intuído por Wordsworth, que, referindo-se à sua alma, sugere que ela cresceu alimentada tanto por beleza quanto por medo.

ALMA: Mais do que medo, eu diria pavor. Numa de minhas poesias, tentei expressar o pavor de se morrer asfixiado por um gás letal: “[Os homens] cambaleavam sangue-derramados / Todos claudicando e encegados; ébrios de fadiga / Surdos aos silvos das bombas de gás que caíam suaves na retaguarda / [...] Em todos os meus sonhos, diante de minha infeliz visão / Ele mergulha em mim, pingando, engasgando, afogando-se.” (Owen, 2009, pp. 28-29). Sorte dos americanos que, ao chegar ao Iraque, descobriram que as armas químicas de Saddam Hussein eram um blefe.

FANTASMA: Epa! Peraí! Isso foi décadas depois.  
ALMA: Ué, não foi você que inventou uma tal de “memória do futuro”? Aliás, eu sempre suspeitei que esta visão prospectiva já estava embutida no estado de “transumanação”, proposto por Dante. Mas, por falar no seu livro *Uma memória do futuro*, você bem que podia ter introduzido ali o personagem “Poeta de Guerra”, uma categoria de poetas tão verdadeira quanto qualquer outra. Eu, por exemplo, em 1918, aluguei uma casa em Borage Lane sem janelas e me tranquei lá para escrever meus melhores poemas, ressoando o olho interior e

as “emoções relembradas em tranquilidade” de Wordsworth.

FANTASMA: Eu acho muito pouco provável que, nos meus 61 anos de vida de fantasma, eu não tenha lido sua obra-prima, “Strange meeting”, pois com certeza ela teria me ajudado em meu esforço perene de exorcizar minha condição. O seu poema é brilhante ao construir dantescamente a busca desesperada do direito legítimo, de quem for morto na guerra, de saber quem o matou: é a chance de o soldado deixar de ser desconhecido. Difícil não nos emocionarmos com o seu clímax, talvez a mais bela *anagnorisis* que eu vivenciei: “Meu amigo, eu sou o inimigo que você matou!”

O terrível numa guerra não é somente a futilidade do morticínio, mas também a casualidade de que, em geral, se mata e se morre anonimamente. Eu me lembro bem da minha “satisfação” um dia em que saí de uma trincheira e comecei a receber tiros de fuzil: eu me senti pessoal e intimamente visado. Era estranho: eu não tinha a menor ideia da localização daquele atirador de elite, mas, pela primeira vez na guerra, me vi diretamente envolvido com uma pessoa que se ocupava de me matar pessoalmente.

Brecht, na sua *Cartilha de guerra*, nos apresenta uma foto da Segunda Guerra Mundial em que um soldado

americano olha distraidamente para o corpo do soldado japonês que ele acabara de matar, fumando aquele cigarro protocolar que costuma coroar alguma atividade prazerosa ou perigosa. No seu relato, publicado pela imprensa, ambos tinham se encontrado acidentalmente num caminho e ele, simplesmente, fora mais rápido no gatilho...

No meu livro, ao falar do passado presentificado, eu também me refiro a alguns “estranhos encontros”: por exemplo, quando P.A. (um dos disfarces sob o qual me apresento) se oferece para comprar os pesadelos de Roland; quando descrevo o encontro perigoso entre os estágios pré-natal e pós-natal do psiquismo: quando Roland se encontra com uma sua ideia fetal prestes a matar a si mesma, ou a ser morta; ou quando P.A. abre mão de sua “mente blindada” e de sua “fantasia de herói”, para conversar com seu fantasma que “nascera” na Batalha de English Farm, passando a viver como uma sombra purgatorial.

---

Em seu poema onírico, há um aparente paradoxo, já que o apelativo “amigo” aproxima os “inimigos”, na medida em que ambos são passíveis de viver o mesmo pesadelo. Mas também poderíamos pensar que o estranho possa ser o duplo guerreiro do poeta, e que o estranho encontro se dê com um aspecto inesperado de si mesmo, como quando Freud se assustou com sua própria imagem refletida na porta do trem. O *Unheimliche*, como sabemos, está sempre espreitando o humano.

A questão é como cada um de nós vai conseguir exorcizar as mudanças catastróficas indescritíveis que a guerra nos reserva, tornando-as descritíveis através de uma forma artística. Uma ajuda palpável seria conseguirmos sonhar as catástrofes em vez de admiti-las como pesadelos. Um dia, durante a guerra, eu tive um sonho terrível: o sonho era cinza e amorfo; eu me sentia siderado por horror e pavor. Eu não conseguia gritar, parecia que eu tinha despertado para

os terrores relativamente benignos da guerra real. Porém, por um momento, desejei que aquilo fosse somente um sonho: no sonho, eu devo ter desejado que fosse somente uma guerra.

A moral da história, como registrei ao final da minha autobiografia *The long week-end: 1897-1919*, é a seguinte:

E as coisas continuaram como sempre foram. Eu e os poucos companheiros que sobrevivemos, apesar de não nos darmos conta, éramos homens que, em poucos anos, passamos da insignificância para a irrelevância. Ninguém podia explicar que, se o Império Britânico não compartilha o mesmo destino, isto se deve a uns poucos poetas. Mas o que os poetas podem fazer contra a fissão nuclear ou, ainda mais potente, contra algum germe sendo cuidadosamente cultivado e nutrido por biólogos de maravilhosas habilidades e premonições – como é o caso daquele sagaz animal-inventor-de-ferramentas, o homem. (Bion, 1982, p. 287).

Mas, agora, durmamos...



#### Nota

- 1 Todas as traduções das poesias de Owen, bem como dos trechos das autobiografias de Bion, foram efetuadas pelo autor.

## El “extraño encuentro” entre el fantasma de Wilfred Bion y el alma de Wilfred Owen

Este artículo tuvo como origen el poema “Strange meeting”, de Wilfred Owen – considerado el más grande poeta inglés de la Primera Guerra Mundial –, que relata de forma dramática el “extraño encuentro”, en el Infierno, de dos soldados. Adoptando a los conceptos de “piedad” y “verdad” como símbolos de su lucha personal, el poeta, en su corta vida, se dedicó a expresar su indignación con la futilidad de la guerra. Algo parecido ocurrió con el psicoanalista Wilfred Bion, quien, como sabemos, relató su aprendizaje emocional en la guerra en sus autobiografías, en particular, la sensación de haberse transformado en un fantasma aplastado por la culpa de no haber muerto como la mayoría de sus compañeros. En este texto, parodiando al poema, se presenta un extraño encuentro entre el fantasma de Bion y el alma de Owen.

PALABRAS CLAVE: piedad; verdad; futilidad de la guerra; extraño encuentro.

## The “strange meeting” between Wilfred Bion’s ghost and Wilfred Owen’s soul

This essay was inspired by Wilfred Owen’s poem, “Strange meeting”. Wilfred Owen is considered the greatest English poet of the First World War. In his previously mentioned poem, he dramatically narrates the “strange meeting” between two soldiers in hell. Adopting the concepts of “pity” and “truth” as symbols of his own crusade, the poet, in his brief life, devoted himself to express his outrage at the futility of war. In a similar way, in his autobiographies, the psychoanalyst Wilfred Bion wrote about his emotional learning acquired from the war, and particularly about the feeling of being transformed into a ghost who was haunted by the guilt for not being dead as most of his fellows. In this work, the author imagines a strange meeting between Bion’s ghost and Owen’s soul, as a parody of Owen’s poem.

KEYWORDS: pity; truth; futility of the war; strange meeting.

## Referências

- Bion, W.R. (1982). *The long week-end: 1897-1919*. Abingdon: Fleetwood Press.
- Bion, W.R. (1991). *A memoir of the future*. London; New York: Karnac.
- Bion, W.R. (1997). *War memoirs: 1917-1919*. London: Karnac.
- Brecht, B. (1998). *War primer*. London: Libris.
- Freud, S. (1919). The uncanny. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 17, pp. 217-252). London: The Hogarth Press.
- Huizinga, J. (1980). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura* (J.P. Monteiro, Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Jacobus, M. (2005). Palinurus and the tank: Bion’s war. In M. Jacobus, *The poetics of psychoanalysis: in the wake of Klein* (pp. 173-198). Oxford: Oxford University Press.

- Montezanti, M.A., Zamuner, A.B., Featherston, C.A. & Datko, S.F. (n.d.). *Extraño encuentro: la poesia de Wilfred Owen*. Recuperado em 25 abr. 2015, de [http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/13022/Documento\\_completo.pdf?sequence=1](http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/13022/Documento_completo.pdf?sequence=1)
- Owen, W. (1984). *The complete poems and fragments*. New York; London: W.W. Norton.
- Owen, W. (2009). *Wilfred Owen: selected poems and letters*. Oxford: Oxford University Press.
- Wilfred Owen. (n.d.). In *Wikipedia*. Recuperado em 3 abr. 2015, de [http://en.wikipedia.org/wiki/Wilfred\\_Owen](http://en.wikipedia.org/wiki/Wilfred_Owen).
- Wilfred Owen. (n.d.). In *Wikiquote*. Recuperado em 3 abr. 2015, de [http://en.wikiquote.org/wiki/Wilfred\\_Owen](http://en.wikiquote.org/wiki/Wilfred_Owen).

[Recebido em 11.5.2015, aceito em 25.05.2015]

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho  
Rua Helena, 170, conj. 123  
04552-050 São Paulo, SP  
Tel: 11 3842-3060  
mr.junqueira@uol.com.br